



Apresentação

(Re)pensando os arquivos literários

Cada vez mais os estudos envolvendo os arquivos literários ganham força e dinamismo transdisciplinar, que enriquecem as investigações feitas nestes espaços de conhecimento. O arquivo de um escritor, longe de ser uma fonte para “se provar algo”, mostra-se como mecanismo de problematizações epistemológicas e hermenêuticas, provocando as mais diversas (re)avaliações do cânone literário, das biografias, das histórias contadas e transmitidas. Ou seja, o arquivo emerge como uma (des)organização híbrida, transversal, atravessada pelos mais diversos saberes e linguagens. Tudo isso nos leva a (re) pensar o arquivo de um escritor, o arquivo literário como uma potência de produção e de metabolismo do conhecimento que provoca as mais diversas possibilidades de interpretação, como nos lembra Eneida Maria de Souza:

O convívio permanente com arquivos de escritores e a necessidade de sistematizar tanto seus dados pessoais, quanto sua produção literária e intelectual, exigiam mudanças no modo de abordagem do texto. A sedução pelos manuscritos, cadernos de notas, papéis esparsos, correspondência, diários de viagem e fotos tem como contrapartida a participação efetiva do pesquisador para a construção de ensaios de teor biográfico. (SOUZA, 2011, p. 9).

Problematizando as teorias de Eneida Maria de Souza, o professor Rodrigo Oliveira, no seu ensaio “O espaço exterior do arquivo”, corrobora esta visão interdisciplinar dos arquivos literários, afirmando:

O estudo de fontes primárias, oriundas de Acervos literários, articulado à produção literária dos escritores, possibilita ao pesquisador a construção de múltiplos discursos tramados entre vida e obra, além de proporcionar a conservação memorialística da imagem autoral. Para Eneida Maria de Souza, a crítica biográfica permite o estudo da literatura “além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre o fato e a ficção”. Louis Hay, ao traçar um panorama histórico sobre a origem e a consolidação da crítica genética e de sua importância na análise literária, afirma que “a literatura sai dos arquivos”. Em contrapartida, Jacques Derrida postula que todo arquivo guarda intrinsecamente certo princípio de consignação que promove a comunicabilidade entre espaço interior e exterior, pois “não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição e sem uma certa exterioridade. Não há arquivo sem exterior”. (OLIVEIRA, 2010, p. 69).

“A literatura sai dos arquivos” – esta afirmação de Louis Hay, citada por Rodrigo Oliveira, parece-nos das mais intrigantes e potentes quando pensamos o arquivo de um escritor como um espaço transversal e multifacetado, atravessado pelos mais diversos saberes e possibilidades semânticas e hermenêuticas. Tal fato nos causa, no dia a dia da pesquisa, grandes surpresas, especialmente nas descobertas e nos achados que alimentam a vida de um pesquisador de arquivos sempre à procura por novidades e situações que revigorem o conhecimento científico a partir de textualidades quase sempre muito antigas que, mesmo com o passar do tempo, ainda produzem o efeito do novo.

As dinâmicas que constituem um arquivo literário são complexas e sempre movediças, principalmente no que diz respeito aos deslocamentos dos fundos documentais entre os mais diversos espaços, do privado ao público, como bem observa e alerta Reinaldo Marques:

Nessa passagem, os arquivos dos escritores são drasticamente afetados, seja em termos topológicos, da acomodação espacial dos materiais, seja no sentido nomológico, segundo princípios e leis atinentes ao tratamento arquivístico de fundos documentais. Suas coleções documentais experimentam complexos processos de desterritorialização e reterritorialização, com impactos em termos de valor cultural e literário. [...] Nesse deslocamento do

espaço privado para o espaço público opera-se uma metamorfose por meio da qual o arquivo do escritor transforma-se em arquivo literário. Com o conceito de “arquivo de escritor” quero designar um arquivo pessoal, cuja localização se dá no âmbito privado, de uma economia doméstica. Trata-se de arquivo formado por um escritor ou escritora, relacionado à sua vida e atividade profissional, cujos fundos documentais são reunidos segundo critérios e interesses particulares. [...] Por outro lado, com a noção de “arquivo literário” pretendo denominar o arquivo pessoal do escritor alocado no espaço público, sob a guarda de centros de documentação e pesquisa de universidades, de bibliotecas públicas, de fundações culturais. (MARQUES, 2015, pp. 18-19).

Neste sentido, chegamos à grande motivação para a organização deste dossiê temático – sobre arquivos literários – da revista *O Eixo e a Roda*: os 30 anos do Acervo dos Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais.

Desde 1989, com a doação do acervo documental e bibliográfico da escritora Henriqueta Lisboa, criou-se no âmbito da Faculdade de Letras da UFMG um órgão totalmente voltado à investigação arquivística das mais diferentes naturezas: literária, biográfica, histórica, bibliográfica, museológica, artística e outros tantos saberes que se entrecruzam nas pesquisas realizadas em seu interior. Atualmente, o Acervo dos Escritores Mineiros conta com mais de vinte fundos arquivísticos que ajudam a compreender não apenas a literatura produzida em Minas Gerais, mas uma boa parcela da própria literatura brasileira, como ficou claro em diversos artigos publicados neste dossiê de *O Eixo e a Roda* que tematizam e/ou problematizam o imenso material salvaguardado neste importante espaço de produção e circulação de conhecimento.

Este dossiê é amplo, com mais de vinte artigos que abarcam e analisam diferentes faces e linguagens de arquivos de escritores, artistas e intelectuais. Uma bela oportunidade para pensarmos e refletirmos criticamente o lugar ocupado pelo arquivo nos nossos estudos literários e culturais, uma vez que estes têm privilegiado o caráter interdisciplinar e híbrido da pesquisa, o que lhe fornece riqueza e diversidade de abordagens. Que possamos responder, ou pelo menos tentar responder, às perguntas feitas por Reinaldo Marques:

Que relações de forças atravessam os arquivos literários? Como se colocam atualmente os conceitos de público e privado? Que papel cabe ao Estado, às universidades e fundações na custódia de arquivos literários e culturais? Que ordenamento jurídico regula as relações entre os espaços público e privado, impondo-lhes limites? Em que circunstâncias o interesse da sociedade deve prevalecer sobre o interesse privado? Como fica a acessibilidade dos cidadãos a esses arquivos? (MARQUES, 2015, p. 32).

Tentemos formular e pensar algumas destas respostas.

Esperamos que este dossiê de *O Eixo e a Roda* se configure como essencial, como uma opção de referência nos estudos que envolvem os arquivos, particularmente aqueles de natureza literária, oferecendo a pesquisadores e ao público geral a oportunidade de acessar e discutir o conteúdo destes artigos, concordando e/ou discordando dos mesmos, (des)construindo saberes e ideias, numa atitude sempre necessária para a articulação e extensão da ciência.

Elen de Medeiros
Leandro Garcia Rodrigues
Moema Rodrigues Brandão Mendes
Valéria Tocco

Referências

- MARQUES, Reinaldo. *Arquivos Literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- OLIVEIRA, Rodrigo. O espaço exterior do arquivo. In: SAID, Roberto; NUNES, Sandra (org.). *Margens Teóricas: memória e acervos literários*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas Indiscretas: Ensaio de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.